

Comunicação e Educação: Mídias e a Formação de Professores¹

Sérgio Fabiano Annibal²

Leonardo Ribelatto Lepre³

Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE

Resumo

Este texto traz reflexões sobre pesquisa desenvolvida no Mestrado em Educação da Universidade do Oeste Paulista em Presidente Prudente/SP. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com opção pelo estudo de caso e utilização de entrevistas. A discussão que aqui se apresenta procura situar a importância, nesta pesquisa, das Mídias e das tecnologias da Informação e da Comunicação para a Formação de Professores, assinalando a importância da convergência entre os campos da Educação e Comunicação. Logo, como resultado, esperamos trazer reflexão para a Formação de Professores no Ensino Superior, considerando esta convergência entre os campos e um determinado posicionamento acerca das Mídias como possibilidades de maior percepção e trânsito dos sujeitos envolvidos nestas relações de ensino.

Palavras-chave: Comunicação e Educação, Formação de Professores, Mídias

Introdução

Este texto é o desenvolvimento de discussão preliminar apresentada no Intercom Nordeste 2013, em Mossoró/RN, sobre uma pesquisa de Mestrado em Educação na Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE) em Presidente Prudente, interior do Estado de São Paulo, que vem sendo desenvolvida desde o início de 2013 sobre as relações entre Comunicação e Educação em um curso superior em Pedagogia. Trata-se de uma abordagem qualitativa, utilizando o estudo de caso e o espaço realizado é um curso de Pedagogia de uma universidade particular instalada no interior do Estado de São Paulo. Dez professores serão entrevistados com finalidade de investigar a formação, características e abordagens de

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Comunicação e Educação do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação em Manaus, AM de 4 a 7 de Setembro de 2013.

² Doutor em Educação pela UNESP-Marília. Mestre em Estudos Literários pela UNESP-Araraquara. Graduação em Letras pela UNESP-Araraquara. Segundo líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Linguagem, Ensino e Narrativa de Professores (GEPLENP) da UNESP-Assis. Docente do Mestrado em Educação da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE), Presidente Prudente/SP. sergioannibal@gmail.com.

³ Mestrando em Educação na Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE), Presidente Prudente/SP. Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE) Presidente Prudente/SP. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Linguagem, Ensino e Narrativa de Professores (GEPLENP) da UNESP-Assis. email@leolepre.com.br.

ensino destes profissionais, no sentido de se compreender as Representações Sociais (CHARTIER, 1991) que permeiam suas práticas em relação às Mídias e esta convergência entre a Comunicação e Educação. Após coletados os dados pretende-se realizar uma análise de conteúdo com a finalidade de compreender tais representações.

Dessa forma, apresentamos a seguir, uma reflexão sobre a relação da Educação com a Comunicação, tendo as Mídias não como instrumento tecnológico apenas, mas vetor de sentidos e também objeto de estudo. É nossa intenção localizar as Mídias como suficientes para se pensar a linguagem e a cultura e não como elemento ilustrativo para as disciplinas curriculares. Não são facilitadoras, pelo contrário: contribuem para a hegemonia e para os sentidos sociais e culturais, colaborando para construir identidades.

Comunicação e Educação: a interação das Mídias

A presença das Mídias em nossas vidas é uma realidade com a qual nos deparamos diariamente, essas contribuem para refração (BAKHTIN, 1995) da cultura e acabam por se integrar e modificar a maneira de compreender e, talvez, de agir no mundo contemporâneo.

Essa influência pode acontecer pelo fato de estarmos envolvidos de tal forma com os processos de comunicação midiáticos, que passamos a fazer parte destes processos, vendo-os por dentro e também os tomamos como importantes para nosso desenvolvimento social e intelectual dentro da sociedade e, sobretudo, perceber de que forma a integração com as Mídias, não apenas com os suportes tecnológicos que elas também representam, mas nas possibilidades de integração na cultura, levando em consideração as alterações multifaces ocorridas tanto no sujeito quanto nesta cultura em que se encontram imersas e em interação. Tais alterações parecem plasmar o sujeito em nova ordem de linguagem, a impressão é a de que tudo está à disposição e pode ser acessado por meio de uma *performance* ágil e plástica, mas, talvez, o desafio diante desta multiplicidade da linguagem seja perceber o lugar da autoria, dos usos nas práticas culturais e na interação com o outro nessa gama performática de informações. Em outras palavras, talvez, a dificuldade esteja na manutenção de uma identidade com perspectivas mais humanizadas diante da presença das Mídias.

Não podemos nos deslumbrar somente com os *leds*, os aplicativos e a impressão de acessarmos toda a informação que desejarmos e esquecer de que estes aparatos tecnológicos editam a cultura e que temos um papel como consumidores ou propositores desta edição. Neste contexto, a Educação nos parece local privilegiado de para a reflexão e discussão destas várias edições da linguagem que compõem o indivíduo e o coletivo e procurar

caminhos para se pensar seus usos em direção à formação de um indivíduo que capte e compreenda nuances da linguagem e, conseqüentemente, de formação dos sujeitos que interagem com as Mídias e continuam a interagir com outros sujeitos. Vejamos, portanto, como Messias (2009) concebe a presença das novas tecnologias da informação e da comunicação na formação do sujeito:

[...] O que vemos, atualmente, é uma sociedade global com nova identidade em constituição. O impacto das novas tecnologias da informação e da comunicação tem no fator relacionamento inter-pessoal sua força maior na consolidação do sujeito pós-moderno, que abre-se ainda mais às relações inter e multiculturais que o homem moderno, porém fecha-se na escravidão à técnica, tornando-se egoísta pela competição do conhecimento. (p. 5)

Além de Messias (2009) referir-se à constituição da Comunicação e seu fluxo interativo veloz, o que mais nos chamou a atenção nas ponderações do autor foi o fato de uma quebra, proporcionada pelas novas tecnologias, nas Representações Sociais sobre escola como instituição responsável por transmitir conhecimento (o modelo de um que fala (ensina) e do outro que ouvi (aprendiz). A constituição identitária dos sujeitos (alunos e professores) que chegam à escola não pode ser considerada como fruto apenas do modelo representacional de escola, citado acima, nem aquele pautado em determinados meios de comunicação que apresentam um leitor ou um espectador que irá receber as informações, como se acreditou ser a função dos jornais e seus editoriais, revistas, TV, rádio e livro. Vemos um novo sujeito, “preliminarmente” formado pela interação cultural das novas e velhas Mídias. É importante também assinalar que jornais, revistas, TV, rádio e livro não perderam seu espaço: coexistem no interior destas multifaces construtoras das identidades. Notamos, portanto, a atenção voltada à presença da Comunicação na Educação e também se vislumbra uma possível convergência entre campos, mesmo que esses já se relacionem de forma indireta:

Assim, investigar a comunicação requer rever os conceitos preliminares do sentido etimológico da palavra, em que os sujeitos tornam comuns seus pensamentos, vontades e ações. Logo, a educação, cujo pressuposto remete a uma relação dialógica entre quem detém o conhecimento e quem o aspira, passa a acontecer em um ambiente onde a informação chega mediada não mais, apenas, pelo rádio, pelo jornal ou pela televisão. As novas tecnologias formam preliminarmente o sujeito e colocam à prova as políticas públicas de educação nos mais variados continentes. (MESSIAS, 2009. p. 5)

Ao pensarmos esta interação entre o campo da Educação e da Comunicação, vislumbramos possibilidade de quebra de uma hegemonia de um modelo escolar, entretanto, uma hegemonia ressignificada, trazida sob novos ares, por um discurso

asséptico, libertário e emancipador pode estar se instalando, proporcionado, inclusive, um nivelamento e homogeneização de percepção do sujeito em relação aos movimentos da cultura em que se encontra. É fato de que há, como sempre houve, uma edição hegemônica da cultura, mas é natural também se pensar na resistência e, neste caso, a escola e a Universidade como instituições eleitas pelos processos históricos e culturais como formadoras, chamar atenção em direção à percepção desta edição da cultura e seus meandros discursivos que impactam a vida cotidiana das pessoas.

A observação e o estudo do modo sobre como o processo de comunicação midiática acontece na sociedade e de que maneira ele se desenvolve em relação aos processos educacionais da atualidade é de extrema importância para a sociedade e também para o futuro da educação. É evidente esta preocupação nos estudos atuais em que a comunicação midiática é responsável por grande parte da formação dos sujeitos, sejam eles discentes ou professores: “As condições da vida ocidental teriam diluído o papel da família, da escola e do trabalho, expondo os indivíduos à ação das Mídias [...]” (ZANCHETTA , 2007, p.1457).

Essa interação do sujeito com a comunicação midiática vai muito além da formação que acontece dentro dos perímetros escolares sendo estendida para todas as instâncias das vidas desses sujeitos, desde o aprendizado da língua materna até o desenvolvimento das identidades individuais, posicionamentos políticos e suas representações dentro de um grupo social.

Para observar os processos de comunicação e educação é necessário observar a midiática de forma mais ampla, já que ter o olhar reduzido sobre esse tema pode trazer suposições supersticiosas e não científicas, tendo em vista que o processo de comunicação sempre ocorrerá mediado de alguma forma. É importante notar que este é um processo que tem um início em algum momento na vida do sujeito, mas não tem um fim, sabemos dizer onde começa aquele instante de contato com o receptor que irá decodificar a mensagem e relacionar, mas ele nunca terminará, então irá se modificar com a interação de novas comunicações e, dessa forma, irá modificar novas mensagens recebidas e também o sujeito em si mesmo. Isso pode ser observado na fala de Guillermo Orozco Gómez entrevistado por CITELLI e FIGARO (2010) na Revista Matrizes:

Creio que a comunicação ocorre em todos os momentos. Ou seja, ocorre um tipo de comunicação no momento direto de contato com o referente, mas isso não necessariamente termina aí; há outros processos

proporcionados pelas mediações, em que, também, irrompe a comunicação. Aquilo que se disse: “vejo o filme e tenho um impacto”, concordo, ocorreu uma comunicação indireta; o erro é pensar que é direta. A apreensão comunicativa passa pelo plano cognitivo, racional, mas, também, pelo afetivo, emocional. Isto tem a ver com a história do sujeito, os seus diálogos com a cultura, com a sociedade etc. Irrompe comunicação em cada momento de apropriação, seja próximo, imediato, distante, mediato. Essa é minha posição. Há um tipo de comunicação que, às vezes, reforça a primeira apropriação, outras vezes problematiza, modifica, podendo a ela resistir ou mesmo rechaçar. A comunicação ocorre em todo o momento. (2010, p. 129).

Ao colocarmos a problemática na ação das Mídias na cultura e as consequências que decorrem desta ação no funcionamento cultural e nos sujeitos envolvidos neste processo, teremos como contribuição a tentativa de discernimento para diferenciar no interior deste funcionamento, promovendo, para tanto, uma avaliação em prol da cidadania e da autonomia dos sujeitos envolvidos no processo educacional.

Ao pensarmos a Mídias aliada à Educação, não podemos tomar sentidos maniqueístas, mas considerarmos que o desvelamento dos níveis de linguagem, a problematização dos meios na cultura e as transformações que elas podem provocar na subjetividade e no funcionamento desta cultura tem que ser levados em conta, pois contribuem para a construção de sentidos tanto sobre a *performance* individual e coletiva na realidade sociocultural quanto das representações dos sujeitos sobre a própria dinâmica social e cultural. Podemos, inclusive, pensar na Mídias enquanto mediação cultural (MARTÍN-BARBERO, 2001).

O processo de convergência destes campos, Educação e Comunicação tem uma importância ainda maior se pensarmos o poder emancipador que o estudo integrado da Comunicação e Educação pode dar aos sujeitos, emancipação que Rancière (2002, p.14) conceitua como sendo a “diferença conhecida e mantida entre as duas relações, o ato de uma inteligência que não obedece senão a ela mesma, ainda que a vontade obedeça a uma outra vontade.”

Observando o desenvolvimento comunicacional da atualidade é visto a necessidade de uma educação que realmente constitua um projeto emancipador dentro do conceito de Rancière, uma educação que não tenha como objetivo o nivelamento intelectual (RANCIÈRE, 2002, p. 19) em que o professor ao invés de ressaltar as diferenças, produz métodos de avaliação que excluem as diferenças e ressaltam padrões.

Esse processo de direcionamento do pensamento acontece desde as séries iniciais, nas quais os sujeitos são submetidos aos conteúdos compartimentados e aprendem pela divisão dos saberes a serem estudados. Logo:

Na escola primária nos ensinam a isolar os objetos (de seu meio ambiente), a separar as disciplinas (em vez de reconhecer suas correlações), a dissociar os problemas, em vez de reunir e integrar. Obrigam-nos a reduzir o complexo ao simples, isto é, a separar o que está ligado; a decompor, e não a recompor, e a eliminar tudo que causa desordens ou contradições em nosso entendimento. (MORIN, 2010, p.15)

Morin (2010) deixa claro o posicionamento acerca da edição do olhar que a escola propõe com os métodos tradicionais. A observação da interação entre os campos da Comunicação e da Educação vem a ser uma possibilidade de contribuir para realidade distinta de uma educação integralizada com a realidade vivida pelos discentes tanto quanto seus professores.

Observando, atentamente, a citação de uma parte do texto do Rancière (2002), podemos ampliar a compreensão acerca do poder de emancipação que pode ser obtido por meio da educação aliada à comunicação, podendo, assim, analisar com maior clareza de olhar pontos de intersecção entre a Educação a Comunicação e a emancipação. O simples pensar exposto na citação, na qual o autor descreve o que seria a prática pedagógica e menciona que esta tem apoio em uma oposição: ciência x ignorância como uma dualidade única sendo que a ausência da primeira é a segunda, não considerando que o intelecto do sujeito não é constituído de ciência ou intelectualidade ou o contrário da ciência ou intelectualidade como é dado a entender, mas é uma observação importante já que essa é uma dificuldade que fica clara a partir desta observação.

A prática dos pedagogos se apóia na oposição da ciência e da ignorância. Eles se distinguem pelos meios escolhidos para tornar sábio o ignorante: métodos duros ou suaves, tradicionais ou modernos, passivos ou ativos, mas cujo rendimento se pode comparar. Desse ponto de vista, poder-se-ia, numa primeira aproximação, comparar a rapidez dos alunos de Jacotot com a lentidão dos métodos tradicionais. Mas, na verdade, nada havia aí a comparar. O confronto dos métodos supõe um acordo mínimo, no que se refere aos fins do ato pedagógico: transmitir os conhecimentos do mestre ao aluno. Ora, Jacotot nada havia transmitido. O método era, puramente, o do aluno. E aprender mais ou menos rapidamente o francês é, em si mesmo, uma coisa de pouca consequência. A comparação não mais se estabelecia entre métodos, mas entre dois usos da inteligência e entre duas concepções da ordem intelectual. (RANCIÈRE, 2002, p. 26)

Quando pensamos a convergência entre Comunicação e a Educação na formação de professores, uma das dificuldades parece ser o imaginário de que a formação do professor veicula-se a algo pronto ou dado, como se houvesse uma maneira ideal e generalizante para aprender a ensinar. Tais Representações Sociais sobre a profissão parecem atingir os que se encontram fora da escola e, muitas vezes, aqueles que serão professores ou, ainda, aqueles que já atuam na profissão.

Dessa forma, às Mídias e seu caráter híbrido e multifacetado põem abaixo estas Representações Sociais que envolvem a maneira ideal, pré-concebida, e generalizante do ensinar. É contrária e incompatível com a ideia do estático e do pronto e acabado. Este molde a ser aplicado e ter como resultado o êxito configura ilusão, uma vez que a formação docente e as relações de ensino passam por outros caminhos, muito distantes de uma fórmula ideal e aplicável. Ao encontro desta discussão, Zanchetta (2007, p. 1466) diz:

Há, por outro lado, pouca afinidade entre o perfil racional e linear proposto pelo universo pedagógico e o perfil sensorial e totalizante do contexto midiático. Historicamente preparados para operar a partir de trilhas didáticas, os professores têm dificuldade para lidar com um conjunto de estímulos fracionados e fugazes. O pragmatismo das ações escolares transforma-se em um dos obstáculos para um trabalho multifacetado como exigido para os meios de comunicação.

Estas relações de ensino parecem estar na captação do movimento da cultura e do sentido que as Mídias ganham neste movimento para a formação do sujeito do que em um modelo pré-concebido. Trata-se de um objetivo nas relações de ensino e aprendizagem, considerando a velocidade das Mídias na cultura, juntamente com um ideal de formação que desconfie do recado hegemônico e simplesmente calcado na inovação de suporte.

Sendo assim, um investimento mais assertivo em uma construção conjunta, concatenada e visualizando o processo educacional como um conjunto em que as Mídias fazem parte e encontram-se integradas, possivelmente, contribuirá para um desenvolvimento emancipador, pois existe a contextualização e o entendimento dos signos em consonância com a cultura. Logo:

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos [...] Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso” e não o contrário. Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. (FREIRE, 1985, p. 45)

Partindo deste pressuposto de que o pensamento se constrói por meio da comunicação, em que as partes se conversam e a partir da troca de ideias e informações se

constrói conhecimento, é possível entender que: a formação de cidadãos críticos depende de uma mudança de postura em sala de aula, no qual o processo de comunicação necessita ter como princípio fundador a interação de todas as partes na cultura. Portanto, a intenção é que os alunos sejam autônomos, sintam-se preparados para dar opinião, para agir ao invés de aceitar tudo passivamente.

Considerando que “educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” (FREIRE, 1985, p.46), a comunicação é essencial tanto no processo de ensino e aprendizagem quanto na formação de cidadãos com voz ativa.

Esta mudança de olhar em direção às práticas pedagógicas é um grande desafio, à medida que se necessita revisar alguns posicionamentos diante das Mídias e de seu papel na Educação. Talvez, o desafio é procurar o olhar de conjunto, interligado e dialogando com as várias instâncias socioculturais. O diálogo e a interação são partes essenciais e vitais ao entendimento e percepção sociocultural do sujeito individualmente e na coletividade.

Algumas considerações

Como aliar estes interesses na superação das diferenças? Uma das possibilidades de resposta, talvez, venha pela reflexão mais abrangente e menos maniqueísta acerca das Mídias em cursos de formação de professores, encarregados da formação inicial de cidadãos: os pedagogos.

De acordo com Soares (2011, p.7), a relação entre Mídias e escola pode suscitar diferentes posições:

- Ou bem ignoram a influência dos meios e mantêm a tradição da escola e ignoram a diversidade das realidades sociais e culturais;
- Ou bem introduzem os meios na escola e servem-se deles para atingir seus objetivos pedagógicos, esquecendo-se, contudo, que trabalhar sobre os meios e suas mensagens.
- Ou bem ainda, criam cursos especializados de “educação para os meios”, sem que nada mude no conjunto das outras práticas escolares.

Ou ainda, segundo este autor utilizando-se das ideias de uma professora da Sorbone, existe um quarto caminho: “[...] a união da educação com comunicação, que se caracteriza como sendo uma via, mais exigente tanto para alunos quanto para mestres, mas a única

possível no contexto da sociedade de amanhã, tendo em vista que o educador aproxima a escola da comunicação, a partir de uma perspectiva cidadã.

Diante disso, verificamos a necessidade de considerar a presença dessas discussões sobre a Comunicação e a Educação, a presença das Mídias e suas influências nas práticas culturais nos cursos de Formação, todavia, esta presença não pode restringir-se a algo instrumental, de manuseio tecnológico ou de presença ilustrativa nas escolas e na Universidade para justificar a ação do Estado no incentivo da superação do chamado atraso ou anacronismo do sistema educacional.

Outro aspecto é reconhecer que as Mídias fazem parte dos integrantes da escola e como pensar este pertencimento das Mídias nos saberes escolares e em uma integração curricular mais central e visível, integrando, portanto, o *modus operandi* das práticas escolares. Assim “[...] se, por um lado, o professor e os alunos interagem cotidianamente com os meios de comunicação, por outro, essa interação pouco foi sistematizada em termos de “escolarização””. (ZANCHETTA, 2002, p. 1465)

A tecnologia e as Mídias na escola parecem configurar como apêndices ou assumir posição secundária no cotidiano escolar, desconsiderando que fazem parte da identidade dos alunos e de alguns professores.

Nesta discussão entre Mídias e Educação, nos interessa nesta pesquisa de Mestrado, levar em consideração aspectos de uma vertente brasileira destes estudos, nos referimos à Educomunicação, que por meio da criação, compreensão e fortalecimento dos ambientes “educativos” no meio educacional, a possibilidade de contribuição é grande. Essa contribuição se dá pela tentativa de ressignificação dos sentidos dos espaços escolares, que, por vezes, insistem em não dialogar com as Mídias e as tecnologias ou simplesmente o fazem de maneira superficial. Portanto, não se trata de uma presença dos meios na escola, esta ideia já foi revisada, nos referimos a uma tentativa de questionar epistemologicamente os usos culturais e as potencialidades de sincronia com os demais conteúdos escolares que a proposta de Educomunicação oferece.

Em consonância com estes fatores apontados, a Educomunicação assinala inovação, à medida que aproxima dois campos híbridos e interdisciplinares, apontando, ainda, para uma possibilidade de se repensar a configuração e os sentidos da escola por meio dos já referidos ambientes “educativos”. Entretanto, mesmo com a evidente presença das Mídias nas práticas culturais, a presença de uma reflexão mais epistemológica e de base não se apresenta de maneira clara e contundente nos cursos superiores e, com isso, permite a

ratificação da ideia de que as Tecnologias de Informação e da Comunicação como algo instrumental e técnico, desconsiderando sua presença e seu pertencimento nestas práticas culturais. Parece-nos um discurso perigoso que beira a subutilização das possibilidades de convergência entre os campos da Comunicação e da Educação, abrindo brechas para um “esvaziamento” da função da profissão docente (BARRETO, 2004, 2012).

Outro desafio, contudo, não tão distante daquele que diz respeito à sistematização e tomada de um lugar de igualdade nas discussões curriculares dos cursos de formação de professores, está na educação básica formal, na qual a Educomunicação representa desafio, pois, mesmo a escola sendo viva e mutante, parece-nos, por vezes, dissonante com as necessidades sociais e culturais de professores e alunos, e esta nova proposta parece trazer um arejamento, principalmente, no uso das linguagens e na reconfiguração do espaço escolar, oportunidade, talvez, de protagonismo dos alunos e professores, além de uma revisão das representações e usos da escola. Todavia, não tem espaço ainda garantido. Esta pesquisa questiona esta falta de espaço no ensino superior e indaga por quais motivos ela não aparece sistematizada e integrada nas preocupações desses dois níveis de ensino.

O desafio não se dá apenas na estrutura para a Educação e para a Comunicação, mas na epistemologia das áreas, à medida que se dispõe a conviver e coexistir na escola formal. Desafios curriculares, não encarados como sinônimos de grades curriculares, mas como dispositivos culturais que auxiliam na seleção e apreensão do conhecimento e também para a identidade docente e gestora.

Finalmente, acreditamos que a convergência entre a Educação e a Comunicação é algo que pode vir a contribuir imensamente para uma modificação do desenvolvimento educacional dos sujeitos, prezando sempre pela emancipação do sujeito enquanto ser social e em interação. Deixamos como ponto partida para novas indagações o desejo de aprofundamento nessas Representações Sociais para que nos seja possível pensar em alternativas, distantes do instrumental e de superfície, mas de forma profunda e entranhada na cultura.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução M. Lahud e Y. F. Vieira São Paulo: Hucitec. 1995.

BARRETO, R.G. **Tecnologia e educação: trabalho e formação docente**. Educação & Sociedade, São Paulo, v. 25, n. 89, set./dez. 2004.

BARRETO, R.G. **A recontextualização das tecnologias da Informação e da comunicação na formação e no trabalho docente.** Educação & Sociedade, São Paulo, v. 33, n. 121, out./dez. 2012.

BELLONI M. L. **Mídia – educação ou comunicação educacional?** Campo novo de teoria e de prática. In A formação na sociedade do espetáculo. Edições Loyola, 2002.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação.** Porto: Porto editora, 1994.

CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações.** Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4a Ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GOIDANICH, M. E. **Mídia, Cidadania e consumo: estamos formando consumidores ou cidadãos?** In A formação na sociedade do espetáculo. Edições Loyola, 2002.

CITELLI, A. ; FÌGARO, R. Educação mediática ressalta o potencial de expressão dialógica das tecnologias. Entrevista com Guillermo Orozco Gómez. **Revista Matrizes.** São Paulo: PPGCOM/USP. São Paulo.v.3. n2. jan-jul. 2010.pp.117-130.

LALLI, S. J. T.; HERNANDES, M. L. Q. G. 2009 . **Educomunicador- educação, comunicação e tecnologia na formação do cidadão.** Disponível em <http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/anic/article/viewFile/552/485> . Acesso em: 12/12/2010.

LAVILLE, C. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre: UFMG, 1999.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. 2001.

MESSIAS, C. **Novas tecnologias, culturas, comunicação e educação. Nova Educomunicação?** Disponível em http://www2.metodista.br/unesco/1_Celacom%202009/arquivos/Trabalhos/Claudio_Novas.pdf Acesso em 25 de junho de 2013 as 11:38.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

RANCIÈRE J. **O Mestre Ignorante.** In A formação na sociedade do espetáculo. Tradução Lilian do Valle. Autentica Belo Horizonte, 2002.

RUIZ, A. R. **Tecnologia, conhecimento e docência.** In Ação docente no cotidiano da sala de aula práticas e alternativas pedagógicas. Arte e Ciência editora, 2009

SOARES. I. O. **Uma educomunicação para cidadania.** In SOARES, I. O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio.** São Paulo: Paulinas, 2011. Disponível em <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/6.pdf> Acesso em 30 de agosto de 2011 as 22:38

ZANCHETTA. J. J. **Educação para a mídia: Propostas européias e a realidade brasileira.** Educação & Sociedade, Campinas, vol. 30, n. 109, set.-dez. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a09.pdf> Acesso em 30 de junho de 2013.

ZANCHETTA, J. J. **Estudos sobre a recepção midiática e educação no Brasil.** Educação & Sociedade, Campinas, vol. 28, n. 101, set.-dez. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n101/a1028101.pdf> Acesso em 25 de junho de 2013.